

# JOSÉ DOS SANTOS MATTOS

Em todos os tempos e em todos os lugares, existiram e continuam a existir, indivíduos de personalidade forte, capazes de impressionar, de atrair para a sua órbita de influência, grupos sociais numerosos, capazes de coordenar o esforço de pessoas residentes na sua vizinhança, capazes de dina-

mizar a comunidade onde vivem. Esses chefes naturais das populações constituem um dos temas já conhecidos pelos estudiosos da sociologia e pela sua acção, esses líderes não só conseguem atrair aliados fiéis e colaboradores sinceros, criam à sua volta, por movimento dialético social, como reac-

Pelo Dr. Lopes Vieira

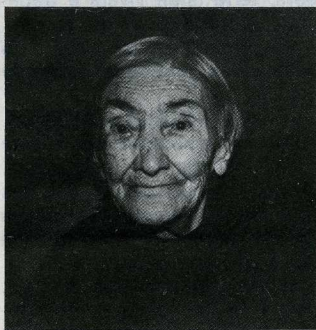
ção, uma oposição doutros indivíduos possuidores de carácter semelhante.

José dos Santos Mattos, industrial, vivendo na transição do século passado para este, agora brevemente a terminar, assumiu calmamente, pela sua vincada personalidade, pelo prestígio profissional e pelo seu dinamismo associativo, o honroso papel do líder natural da Amadora do seu tempo. Aqui marcou a sua notável presença ganhando a seu favor, o grupo de apoio da Liga dos Melhoramentos da Amadora e dos Recreios Desportivos da Amadora, mas também sofreu a oposição doutros, em especial duma individualidade local de grande destaque: António Cardoso Lopes, proprietário dos terrenos da Mina, residente na Amadora e comerciante em Lisboa.

A crise agrícola ocorrida na última metade da década de 1890, agravada pela terrível epidemia da filoxera, provocou a desastrosa ruína de muitos agri-

(continua na pág. 2)

Mais uma excelente caricatura de Roque Gameiro, que transformou o industrial de espartilhos e cintas, José Santos Matos, em «travesti», com os produtos fabricados por ele.



D. Maria Rebelo trabalhou nos campos de Moimenta da Beira, sua terra natal, ligada portanto ao saudável meio rural. Soube envelhecer e atingiu uma longevidade muito fora do vulgar.

Ainda conserva energia, temperada pelo hábito de cantar trechos folclóricos regionais e religiosos do meio onde viveu.

(continuação da pág. 1)

Pelo Dr. Lopes Vieira



cultores, em especial dos vinicultores e a crise na agricultura equivalia à crise económica geral pois a indústria atravessava uma fase incipiente. Os pobres trabalhadores agrícolas, nessa altura, resolviam na emigração, a angustiante falta de trabalho provocada pela crise económica.

José dos Santos Mattos nessa época, fundou a sua histórica Fábrica de Cintas e Espartilhos na Porcalhota, à beira da estação dos caminhos de ferro, a 11 de Novembro de 1895.

A indústria, com o seu cortejo de operários, a construção de fábricas, a utilização de máquinas, a movimentação de mercadorias e capitais, trouxera prestígio social à burguesia dos últimos tempos e glória aos seus dirigentes, a quem chamavam, com elevada consideração "cavaleiros da indústria". Nem todos os industriais possuíam a grandeza suficiente para os classificarem desse modo, mas todos beneficiavam indirectamente do prestígio alcançado por esses poucos, estendendo-se a toda a classe industrial, a enaltecida dignidade duma burguesia prestigiada.

Santos Mattos nascera na capital, nos gloriosos anos 70, a 14 de Setembro de 1871, cujos pais, João dos Santos Mattos e Eugénia Roubaud residiam em Lisboa, onde o primeiro exercia o comércio na Rua Áurea, num estabelecimento, a Casa dos Espartilhos, mais tarde propriedade do industrial da Amadora. Nessa mesma casa comercial, trabalhava António Rodrigues Corrêa, colega, amigo e conterrâneo de residência e depois companheiro inseparável nas actividades desenvolvidas por Santos Mattos.

As senhoras do fim de século, usavam como peça indispensável da elegância feminina, quer o espartilho para adelgaçar a cintura e arredondar os quadris, á força de esticados cordões entrelaçados, quer a cinta, uma peça mais ligeira na transição para o vestuário mais simplificado preferido no século XX.

Este género de roupa interior, vinha do estrangeiro, importada de Paris, e Santos Mattos, empreendedor de boa visão, entendeu conveniente e oportuna a fabricação de espartilhos e cintas e promoveu a construção duma boa fábrica de confecções dessas peças de vestuário. O seu colega e amigo António Corrêa, torna-se então seu sócio ao fundarem a empresa «Santos Mattos & C.ª» e em breve a Fábrica de Espartilhos estava a funcionar, chegando a atingir, dentro do ramo, um lugar de destaque, ao nível da Península Ibérica, empregando cerca de cento e cinquenta operárias. O pessoal empregado nessa fábrica, era constituído essencialmente

por mulheres residentes na povoação e vizinhança, pois os habitantes da localidade eram nesse tempo em número muito reduzido.

Em 1887, a Porcalhota beneficiou do transporte ferroviário, tendo-se construído um apeadeiro para servir a população, cujo edifício foi recentemente demolido para a construção do interface desta cidade da Amadora. A facilidade de transporte favorecia o fornecimento de matérias primas para a fábrica e o escoamento da produção fabril.

Santos Mattos soube desenvolver não só a actividade da Fábrica, mas também o sector comercial da sua empresa, abrindo novos estabelecimentos comerciais em Lisboa. Assim surgem a «Sabóia» na Rua Garrett, loja de modas para homem e senhora, e a loja «Cor-sélia», na Rua da Misericórdia, especializada na venda de roupa de criança.

António Cardoso Lopes, nas suas "memórias" recolhidas em volume, publicado pela Câmara Municipal da Amadora, minimiza um tanto a acção deste industrial no desenvolvimento desta localidade, sobretudo em face do prestígio e bom nome alcançados por Santos Mattos. Todavia, bastava a instalação da primeira fábrica da zona ocupada hoje pela Amadora, para lhe conferir direitos de "cidadania" e se aquele proprietário julgava exagerado o prestígio do industrial, dá pelo menos testemunho da consideração popular dispensada àquela individualidade. Temos portanto, a certeza de Santos Mattos merecer o respeito e consideração da população sua contemporânea.

Os ideais republicanos encontraram na Amadora um ambiente militantemente receptivo e logo em 1911, um ano depois da implantação do novo regime político, baptizaram a principal avenida da povoação com o nome de Av. da República e a Amadora mereceu a visita do Ministro Brito Camacho, para inaugurar essa via pública, situada junto do Parque — hoje designado Parque Delfim Guimarães.

Contudo, Santos Mattos não se

entusiasmou com a política apaixonadamente, no entanto, interveio nas eleições locais, depois da implantação da República, efectuadas em 1917, para eleger a primeira Junta de Freguesia da Amadora, integrando como independente, a lista de coligação opositora da lista dos socialistas. Teria sido portanto, um republicano moderado, independente de filiação partidária.

A confortável estabilidade económica e social da sua vida favorecia a moderação das suas ideias e atitudes. Nem só na política este factor de moderação se notava, na prática religiosa, também se fazia notar. Naquela época de anticlericalismo acentuado, sobretudo após a implantação da República, alimentado pela burguesia urbana vitoriosa, Santos Mattos comportava-se como católico sem manifestações espalhafatosas.

A Liga dos Melhoramentos da Amadora, prestigiosa associação cívica, fundada em 1909, a quem esta localidade, muito deve, pois substituiu um órgão autárquico local para defender os legítimos interesses comuns da população, até à instalação da Junta de Freguesia, contou essa associação desde o início de funções, com a prestimosa colaboração de Santos Mattos e à iniciativa deste se ficou devendo, a criação dos Recreios Desportivos da Amadora, uma associação desportiva cultural e recreativa, fundada em 1912, cujo salão de festas, inaugurado em 1914, bem prestigiou a Amadora e ainda existe, hoje adquirido pela Câmara Municipal para nele manter um espaço de animação cultural indispensável para esta Câmara prosseguir o seu programa, no domínio da cultura e do recreio.

A vida familiar deste industrial, decorreu tão tranquilamente como a sua actividade económica e social, formou um casal feliz, quanto os casais podem ser felizes e nasceram-lhe quatro filhos: João, Maria Luísa, Celeste e Maria Leonor. O João casou com uma das filhas do poeta e editor, Delfim de Brito Guimarães, um morador ilustre da Amadora e grande amigo do industrial.

Passaram os anos, os espartilhos deixaram de se usar, a Grande Guerra modificara significativamente as mentalidades e a mulher dessa época desejava uma liberdade repulsiva de constrangimentos e o espartilho parecia-lhe uma peça excessivamente constrangedora do corpo feminino.

A fábrica alterou o produto fabricado, mas diminuiu de importância, até que se extinguiu. Ainda há bem pouco tempo, existia onde se situa hoje, a Av. 11 de Setembro de 1979, um muro pertencente a essa fábrica.

José dos Santos Mattos começou empregado do comércio, fez-

As sempre maravilhosas, ino-centes e ariscas avezitas que perante nossos olhos se cruzam nos ares, através do espaço, em todos os cantos deste mundo imenso, cremos serem uma das maiores bênçãos pelo Criador atribuídas à mercê do sentimento da pessoa humana. As leis naturais da sobrevivência porém, e o prazer da destruição que por vezes no seu íntimo ultrapassa, a consciência de maléficas mentalidades dos indivíduos, implicam deste modo a eliminação quase total, destas espécies naturais espalhadas pelo globo, antes do final dos limites da sua, embora não longa, existência.

Meu finado pai, mero e rude trabalhador do campo que sempre foi dotado, no entanto de convicções deveras altruístas, ao ensinar-me logo de pequenino as primeiras regras da religião cristã, igualmente me fez compreender a verdadeira dimensão do reino dos passaritos selvagens, que aos bandos ou separados, vulgarmente se nos deparam.

Para ele, estes seres absolutamente necessários à vida do homem, são a digna inspiração de românticos e ditosos poetas através da história, que tão orgulhosamente os têm sabido cantar a chorar; e também, os fiéis companheiros de todas as horas, do humilde e solitário lavrador.

Alberto Bramão nas suas «Ilusões Perdidas», fala-nos de uma avezinha que desde o romper da aurora esvoaçava, cantava e ria no seu quintal e lhe transmitia certos encantos à sua modesta habitação. António Nobre, o imortal autor de «Só», noutro Augusto poema intitulado «Margherita», descreve-nos uns lindos cabelos desprendidos das tranças dessa piedosa e doce donzela, quando ao cair da tarde, com os quais, os rouxinóis atapetavam os seus

-se industrial e acabou comerciante.

Já em plena Guerra Mundial, a segunda guerra a que assistiu José dos Santos Mattos, a 16 de Março de 1943, faleceu na Amadora, terra onde vivera e trabalhara, a sua terra de opção.

Sepultaram-no em Lisboa, no cemitério de Benfica, no Jazigo de Família.

A Câmara Municipal de Oeiras, numa justa homenagem a este notável habitante da Amadora, atribuiu o seu nome a uma das principais avenidas da nossa Cidade, por deliberação tomada em 9 de Dezembro de 1971.

E nós, amadorenses de hoje, devemos conhecer quem foi Santos Mattos, para o respeitar pelo que foi, devemos saber o que terá feito, para o respeitar por quanto fez.